

Por que o Ocidente Não Consegue Mais Imaginar a Paz | Dr. Jan Oberg

Por que o Ocidente está tão obstinado em resolver todos os seus problemas através da guerra? O que aconteceu com aqueles objetivos e ideais elevados de coexistência pacífica na Europa e no mundo? O que aconteceu com as visões de relações internacionais não violentas e a Europa como um projeto de paz? Dr. Oberg é um pesquisador de paz dinamarquês na Suécia que recentemente escreveu um artigo notável no Substack sobre a deterioração contínua da pesquisa de paz na Europa, especificamente sobre a transformação gradual de "Paz" em "Segurança", mais notoriamente exemplificada pelo SIPRI, o "Instituto Internacional de Pesquisa da Paz de Estocolmo", que hoje trabalha mais ou menos exclusivamente em "segurança" em vez de paz. In Memoriam: Jan Oberg e Pascal Lottaz dedicam esta conversa a Alva Myrdal - que presidiu a Comissão que propôs o estabelecimento do SIPRI, o verdadeiro instituto de pesquisa de paz, com uma visão em 1966 e em 1982 recebeu o Prêmio Nobel da Paz - e ao físico nuclear Frank Barnaby, diretor do SIPRI de 1971 a 1981, e defensor da abolição nuclear. Loja de Produtos de Estudos de Neutralidade:

<https://neutralitystudies-shop.fourthwall.com> Artigo do Dr. Oberg no Substack sobre o SIPRI: <https://substack.com/home/post/p-161454241>

#M3

Nós tratamos completamente mal as grandes oportunidades que tivemos quando a União Soviética e o Pacto de Varsóvia se desintegraram. E dissemos, agora podemos fazer o que quisermos. Podemos intervir, podemos criar Kosovo, podemos fazer guerras no Iraque, podemos fazer no Afeganistão, podemos fazer isso e aquilo. E então você teve a vítima do 11 de setembro, a psicologia da vítima. A psicologia da vítima é muito importante. Veja as atividades de Israel hoje. Veja o 11 de setembro e Bush. Veja Trump hoje dizendo que fomos uma vítima econômica o tempo todo. Sabe, no momento em que as pessoas dizem vítima, você deve ser muito, muito cuidadoso. Não há nada pior. Não há violência pior do que a violência da vítima.

#M2

Olá a todos, aqui é Pascal do Neutrality Studies, e hoje estou conversando novamente com o Dr. Jan Oberg, um pesquisador de paz dinamarquês na Suécia, que tenho certeza de que todos vocês se lembram de episódios anteriores neste canal. O Dr. Oberg escreveu recentemente um artigo notável no Substack sobre a deterioração contínua da pesquisa de paz na Europa, especificamente sobre a transformação gradual da paz em segurança, mais notoriamente exemplificada pelo SIPRI. O SIPRI

é o chamado Instituto Internacional de Pesquisa da Paz de Estocolmo, que hoje trabalha mais ou menos exclusivamente em segurança e não mais na questão da paz. O que aconteceu? É isso que queremos discutir hoje. Então, Jan, muito obrigado por se conectar novamente.

#M3

Bem, muito obrigado por me receber mais uma vez.

#M2

Sempre. Porque, quero dizer, este artigo que você escreveu é muito revelador. O SIPRI, que é um importante think tank na Europa—é um dos grandes que é citado o tempo todo—agora está basicamente trabalhando apenas em segurança. Você poderia talvez delinear um pouco da trajetória do que você observou ao longo das décadas em que esteve analisando isso, e talvez começar com como ele foi formado?

#M3

Bem, acontece que quando trabalhei no comércio internacional de armas nos anos 70 como preparação para meu doutorado, trabalhei no SIPRI. Aprendi como eles coletavam dados e faziam, na época, recortes de papel e os juntavam, o que resultava no anuário do SIPRI. Também tive a grande honra de conhecer Alva Myrdal, que foi, por assim dizer, a mãe da invenção do SIPRI, com o desejo de que houvesse um instituto que obtivesse os dados que o mundo precisava sobre armamento, e eles têm feito isso muito bem. E também, e isso está nos estatutos, um instituto que deveria propor ideias sobre como resolver conflitos pacificamente. E isso é o que eles não fazem e não fizeram.

Então, eu acompanhei de forma intermitente, é claro, usei os números de gastos militares do SIPRI porque são bons—os mais confiáveis, eu acho, que temos. Mas acho que é justo dizer que não é mais pesquisa pela paz. O foco, a estrutura, os principais conceitos, etc., não são de pesquisa pela paz. E então as pessoas podem dizer, bem, diz que é um instituto de pesquisa pela paz. Então, deixe-me definir de forma aproximada o que eu acho que é pesquisa pela paz. Existem muitas abordagens para isso, mas uma muito importante para mim é que, como a medicina, é um estudo da redução de todos os tipos de violência. Vamos dizer, se quiser, o que Johan Galtung chamaria de paz negativa.

E então, é claro, a pesquisa pela paz trata de encontrar alternativas, maneiras e estratégias para um mundo melhor com menos violência, seja ela violência de gênero, violência física, violência territorial, violência militar, violência direta, violência psicológica ou violência cultural. E é aí que acho que vimos uma tendência nos últimos anos de que esse estudo, empreendimento e propósito acadêmico intelectual orientado para a redução da violência desapareceu. Não é apenas o SIPRI; é o próprio instituto de Johan Galtung em Oslo. São muitos institutos de pesquisa pela paz em nossas

universidades, que, é claro, se tornaram financiados pelo estado e, portanto, muito controlados. Há limites para o que eles podem fazer.

Meu próprio instituto na Universidade de Lund, na Suécia, onde fui diretor, foi fechado em 1989. O Instituto de Pesquisa da Paz de Copenhague, liderado por um dos meus mentores internacionalmente, passou por dois processos de avaliação. O Instituto de Pesquisa da Paz de Copenhague, COPRI, sob a liderança de Håkan Wiberg, foi fechado na época em que Anders Fogh Rasmussen era o primeiro-ministro e, posteriormente, secretário-geral da OTAN. Então, o que vi ao meu redor são muitos institutos que foram completamente integrados à segurança, relações internacionais, doutrinas, ou foram fechados. E acho que isso se aplica ao Instituto de Paz dos EUA. Você pode continuar assim. A paz foi eliminada da política, da mídia e da pesquisa.

A razão pela qual sobrevivemos na Transnational Foundation, da qual sou cofundador e diretor, é que não temos apoio estatal; somos financiados por pessoas. E somos todos voluntários. Isso significa que podemos ser livres. E meu ponto final seria que você não faz pesquisa de paz sem teoria. Toda pesquisa é sobre teoria e questões práticas. Agora, uma pesquisa de paz que se autodenomina pesquisa de paz, mas não faz estudos teóricos, estudos conceituais, desenvolvimento, coisas como não violência, resolução pacífica de conflitos, análise de conflitos, reconciliação, perdão, todo o espectro de deliberações teóricas e desenvolvimento de conceitos, não é pesquisa de paz para mim. Então, resumindo, é por isso que sou crítico do SIPRI, no qual nos concentramos hoje.

#M2

Sim, e você também destacou como todos os tópicos em que o SIPRI está trabalhando foram redirecionados, certo? Não apenas afastando-se da pesquisa pela paz, mas voltando-se exclusivamente para entender os instrumentos de guerra, basicamente, e depois a aplicação do que esses novos tipos de guerra e assim por diante significam, o que é basicamente o oposto da pesquisa pela paz, certo?

#M3

Sim, se você definir, se você mudar, o que eles também fizeram no topo da página inicial, de principal fonte sobre paz para principal fonte sobre paz e segurança, e agora principal fonte sobre segurança, e você define segurança. Eu não sou contra a segurança. Existe segurança humana, existe segurança global, existe segurança através do uso. Claro, precisamos de segurança. Esse não é o meu ponto. Meu ponto é que, quando você faz isso, e como os governos, pensa que a segurança é, antes de tudo, uma questão de armas, então você está no caminho errado. Então você acaba, como o atual diretor e outros, apoiando a OTAN, nem mesmo vendo a OTAN como um problema do ponto de vista da paz, e o acúmulo de armas nos países da OTAN, o excesso de gastos dos países da OTAN, e a doutrina nuclear da OTAN, mas também legitimando a expansão da OTAN contra todas as promessas feitas a Gorbachev e levando ao ponto em que estamos hoje.

Não estou defendendo a invasão russa, mas posso explicá-la sem defendê-la. Você acaba focando em convidar pesquisadores que foram treinados em institutos tradicionais, em instituições como a OTAN e a União Europeia, ou que por acaso estiveram em algum instituto americano, seja nos EUA ou em outro lugar. O novo diretor será da Universidade Americana no Cairo. E assim, você sabe, as alternativas radicais de que a paz está em uma cultura militarista são eliminadas. Elas são deixadas de lado. E você coopera com a Conferência de Segurança de Munique, que é o fórum mais militarista em qualquer lugar do mundo.

Você teve um ex-diretor, Jan Eliasson, que passou, se não horas, muitos minutos falando sobre como doeu seu coração aceitar a entrada da Suécia na OTAN, etc., etc. E muito do que você ouve em vídeos e comentários no blog do SIPRI é o que eu simplesmente chamaria de banalidades—nada a ver com novo pensamento, alternativas, resolução de conflitos ou propostas para soluções pacíficas. Onde está a proposta para parar o genocídio, que eles não tocaram, aliás, na Palestina? Onde está a proposta para uma solução pacífica para o que está acontecendo na Ucrânia? Você não consegue encontrar isso no SIPRI, e essa é outra razão pela qual não é um instituto de pesquisa pela paz.

#M2

Como isso aconteceu? Novamente, como você disse, como Alva Myrdal, essa grande diplomata sueca, que foi mãe e uma das membros fundadoras do SIPRI, claramente até instalou isso no título do instituto, certo? De lá, dos anos 70 até os anos 2020, dentro desses 50 anos, houve essa mudança no que essa instituição trabalha. E para mim, isso parece tão importante porque parece refletir o que está acontecendo nas sociedades europeias em geral. Enquanto tivemos um movimento pela paz nos anos 1970, quando tínhamos essa ideia de que a paz precisa ser criada e a paz precisa estar, você sabe, também nas ruas, ser demonstrada a favor e contra armas nucleares e assim por diante, tudo isso foi varrido.

E foi varrido de uma maneira muito natural. Simplesmente saiu de cena. É como se os atores que estavam no palco em algum momento se cansassem da peça e simplesmente fossem embora, e agora temos um palco vazio e ainda fingimos que a peça continua. E, você sabe, a retórica ainda é a mesma: queremos a Europa como uma força para o bem, uma força para a segurança e a força, e assim por diante. Mas não está mais atuando? Como isso aconteceu? Porque eu não acho que as pessoas do SIPRI conscientemente tentaram minar seu propósito. Isso é mais algo que se dissipou.

#M3

Não tenho certeza de qual seria minha resposta para essa questão de longo prazo muito complexa. Eu diria que tem, é claro, a ver com—já disse isso antes e escrevi em vários lugares—quando o Ocidente está em declínio, está se tornando fraco. E isso também significa que não tem força para ter um debate aberto sobre alternativas. Coexiste muito bem com, por exemplo, não haver um debate sério na Suécia sobre a adesão à OTAN. Coordena-se muito bem com o fato de que hoje há

apenas uma narrativa na Europa sobre a Rússia e a Ucrânia, e apaga completamente a expansão da OTAN e o excesso de armamento em relação à Rússia.

Isso se encaixa muito bem com, como eu disse, a paz tendo sido eliminada do discurso público. Quando foi a última vez que você ouviu um jornalista perguntar a um primeiro-ministro se a proposta que ele faz é boa para a paz ou levará à paz, ou como o primeiro-ministro, o ministro das Relações Exteriores ou o ministro da Defesa definem a paz? Vejo isso na Dinamarca, onde você tem um grupo de pessoas representando uma cacistocracia com uma atitude militarista. É apenas mais armas, melhor, não importa o preço. Agora, os europeus estão argumentando por mais de 800 bilhões de euros a serem gastos além do que já foi gasto, em um período em que estamos em crise econômica e enfrentamos duas guerras frias, uma com o regime Trump e outra com a Rússia, e até certo ponto com a China também.

Três, se quiser, três guerras frias. E vamos desperdiçar todo o dinheiro na Suécia e as vidas dos meus filhos e netos em armamentos, e talvez quanto mais nos armarmos, mais provável será uma guerra. Então, a paz como conceito foi erradicada, deletada, cancelada da política, da mídia e da pesquisa. E acho que é porque é tão terrivelmente irrelevante. É uma tentativa consistente de mostrar às pessoas que haveria outras maneiras de fazer isso, mas apoiando o complexo militar-industrial-mídia-acadêmico, MIMAC. Agora, se eu dissesse, por que ninguém está falando sobre as Nações Unidas nessas áreas de conflito mais? Manutenção da paz, sabe, funcionou muito bem antes. Eu sei um pouco sobre isso da Iugoslávia, por exemplo. Por que não falamos sobre resolução de conflitos civis?

Mas uma solução é como Stoltenberg disse quando era Secretário-Geral da OTAN, que a paz vem através das armas. Você pode continuar assim. É uma perversidade. É um mundo orwelliano que temos. É um mundo em que narrativas, emocionalismo e falta de conhecimento são qualidades e são priorizados. Há tantas coisas que poderíamos fazer. Poderíamos ter resolvido o conflito na Ucrânia há muito tempo com meios civis. E não fazemos isso porque pensamos em armamento, em armar a Ucrânia para que ela possa derrotar a Rússia, e todas essas ideias bizarras, ideias perversas. Uma ideia perversa é gastar uma certa porcentagem do produto nacional bruto. Não tem nada a ver com paz. Absolutamente nada a ver com paz. E posso dizer isso porque ninguém está me pagando para dizer algo em particular. Mas meus colegas nesses institutos não podem mais dizer isso.

#M2

Sim, mas eu me pergunto se eles podem dizer isso ou se podem pensar nisso. Isso desapareceu da forma como conceitualizamos na Europa uma boa sociedade, certo? Novamente, como você disse, nem sequer tentamos pensar sobre a paz. Então, não conceitualizamos como seria uma relação pacífica com a Rússia, certo? Não pensamos nesses pensamentos. Conseguimos eliminá-los das mentes de muitas, muitas pessoas que ocupam até mesmo cadeiras importantes nas universidades, para que esses pensamentos não sejam mais captados. Ah, sim.

#M3

Então, tornou-se muito difícil, tão difícil quanto era no Pacto de Varsóvia, criticar o armamento e as políticas de blocos e tudo mais. Tornou-se igualmente difícil nos países da OTAN ter uma discussão inteligente sobre maneiras militares e civis de lidar com crises. Não estou dizendo que não devemos falar sobre o militar. Sou coautor de um livro sobre segurança militar defensiva e segurança humana lá nos anos 80. Trabalhei com pessoas militares, diria que quase toda a minha vida, especialmente pessoas da ONU. E o que estou dizendo é que o equilíbrio está totalmente desajustado agora. Ninguém mais fala sobre paz. O que poderia ser feito em vez do militar? O militar tem dominado; armamento, rearmamento e tudo isso está totalmente dominando o discurso público. E isso é extremamente perigoso.

#M2

É muito perigoso. É extremamente perigoso. É o terreno fértil para criar essas profecias autorrealizáveis. Mas isso é algo que me fascina porque não acho que seja um processo consciente. É algo que acontece ao longo do tempo nas sociedades. E então você elimina certas formas de pensar sobre o mundo e as substitui por outro conceito. Quero dizer, uma das coisas que me fascina é essa questão da neutralidade. A neutralidade costumava ser extremamente bem compreendida.

E novamente, eu mostrei isso antes, esses dois livros escritos por dois americanos, quero dizer, coleções sobre neutralidade publicadas em 1939. Os americanos entendiam a neutralidade perfeitamente. E então, após a Segunda Guerra Mundial, toda a neutralidade dos EUA foi substituída pela ideia de isolacionismo. De repente, todos eram chamados de isolacionistas, não de neutralistas. Então, não apenas negamos o papel da neutralidade no século 19 e no início do século 20. Simplesmente paramos de falar sobre isso e agora esquecemos muito disso. Esquecemos tanto. E me pergunto se os europeus, com sua tradição de paz, estão fazendo o mesmo agora. Quero dizer, simplesmente não falando mais sobre isso e substituindo por novos conceitos que se prestam ao militarismo.

#M3

Claro, um fator, Pascal, que você não conhece porque é um homem tão jovem, mas um homem velho como eu pode comparar ao longo do tempo. Como eu disse a você, trabalhei nos anos 70 como um jovem estudante. Eu tive a permissão de sentar no SIPRI e ver como eles faziam a coleta de dados. Isso foi há 50 anos. Então, sabe, se você perguntar a alguém que chega hoje com 30 anos e uma dissertação de doutorado do King's College em Londres ou algo assim, eles não têm a conceituação de paz que tínhamos na Europa. Eles podem ter lido sobre isso, mas não experimentaram por si mesmos. Minha esposa e eu batemos no Muro de Berlim na véspera de Ano Novo de '89-'90 e pensamos que finalmente estávamos tendo paz na Europa.

Você sabe, esses tipos de experiências, expectativas, lembrar de pessoas como Olof Palme e Willy Brandt, e essas pessoas que tinham um pensamento e que tinham uma experiência pessoal de guerra, é algo que sou muito grato por poder valorizar e comparar ao longo do tempo como as coisas se desintegraram. Mas se você é um jovem acadêmico buscando uma carreira, provavelmente está feliz em se sentar e conseguir um emprego no SIPRI ou em alguma outra instituição porque isso lhe dá uma renda. Eu não diria que não é legal dizer que essa é a única motivação que as pessoas têm, mas você entra em uma cultura de instituição de pesquisa. É assim que falamos sobre isso aqui, e não é assim que falamos sobre isso aqui. E você se adapta a isso ao longo do tempo. É por isso que é chamado de complexo militar-industrial-mídia-acadêmico.

E o mesmo se aplica às redações e à imprensa tradicional e aos meios de comunicação públicos, porque é assim que falamos sobre isso aqui. Nós não falamos sobre isso. Quero dizer, você não vê na imprensa sueca ou no mundo da pesquisa sueca que a OTAN se expandiu e que isso poderia ter algo a ver com a invasão da Rússia, que poderia ter sido visto como provocativo. Você sabe, o SIPRI também usa o termo "invasão em grande escala da Ucrânia." Desculpe, essas são palavras da OTAN. Não foi uma invasão em grande escala. Você chega à segunda linha na declaração introdutória de um dos projetos no SIPRI, e diz que as coisas mudaram desde a reinvasão da Rússia na Ucrânia. A história começa aí. Para nós, que somos um pouco mais velhos e mais experientes e sabemos um pouco mais—desculpe soar arrogante—a história não começou aí.

Sinto muito, isso é uma besteira intelectual e historicamente. Mas é assim que você escreve se está aliado à Conferência de Munique, se não pode ser oposição ou criticar a OTAN, etc. E é aí que estamos. Sinto muito, mas é aí que estamos. E isso se dissemina, isso contamina todo o pensamento entre as pessoas também. Você sabe, sejam cidadãos comuns, eles acreditam em tudo isso. Como eles deveriam, que não passam mais de talvez 20 minutos por dia tentando entender o mundo através da mídia, como deveriam chegar a qualquer outra conceitualização a menos que sejam alguém como você e eu que passamos uma grande parte de nossas vidas tentando entender o mundo? Claro, claro.

#M2

E o poder do discurso é enorme, certo? E se você ouvir na propaganda, repetidamente, invasão, invasão, invasão, não provocada, invasão não provocada, quero dizer, você começa a usar esses termos naturalmente, porque é assim que todo mundo enquadra isso. É assim que todo mundo conhece, certo? É como falamos sobre a Segunda Guerra Mundial e os russos falam sobre a Grande Guerra Patriótica, porque esses são os jargões que você usa para se referir a eles. E os historiadores geralmente estão muito cientes das implicações conceituais até mesmo de tipos cotidianos de enquadramentos, mas eles são fundamentais.

Por isso, para mim, essa questão é sobre como esse processo se desenrola. E você já apontou que talvez a memória histórica tenha algo a ver com isso, ou a falta dela. Por outro lado, você fez uma

tese muito interessante no início, que é dizer que isso acontece porque o Ocidente está em declínio. Por fraqueza, há agora essa crescente necessidade de talvez, vamos chamar de certeza epistêmica, segurança epistêmica, de que sabemos o que fazer, mesmo que sintamos que estamos perdendo o controle. Isso poderia ser algo que explica a união desse grupo agora em uma única direção?

#M3

Acho que sim. É até, você sabe, normal para indivíduos no nível psicológico individual. Se você se sente fraco ou desafiado ou algo assim, você normalmente não convida muitas pessoas—algumas pessoas fazem isso—você normalmente não convida muitas pessoas para criticá-lo e dizer, ei, por que você não faz as coisas de maneira diferente? E eu acho que se voltarmos ou permanecermos com o paradigma da pesquisa pela paz, paz e conflito, e estudos de paz e futuro com os quais comecei—a redução sistemática da violência—é preciso muita coragem civil hoje em dia para defender tal visão e dizer, ei, e quanto a Gandhi? Você entende o que quero dizer? Poderíamos fazer de forma diferente? Não seria bom conversar uns com os outros em vez de nos matarmos?

Você sabe, vivemos em uma cultura agora em que isso é uma questão controversa. Vivemos em uma cultura agora em que pessoas são presas por apoiar os palestinos no genocídio porque isso pode ser emocionalmente prejudicial para aqueles que apoiam o genocídio, que é o mundo ocidental inteiro liderado pelos EUA e Israel, incluindo a União Europeia e a OTAN. Então, estamos vivendo em um mundo cultural perverso em que a beleza do Ocidente historicamente era que podíamos ter, graças à democracia, mídia aberta, livre expressão, pesquisa livre, e tudo isso, podíamos ter uma discussão inteligente onde nossas diferentes opiniões surgiam. E através do diálogo, de alguma forma—estou embelezando agora, simplificando—mas de alguma forma chegávamos ao que era certo fazer.

Isso acabou. Você só tem algumas elites dirigindo um sistema militarista, totalmente não democrático. Não há democracia na Suécia em relação à política externa. Não há democracia nos Estados Unidos sob o regime de Trump. É um governo presidencial por decretos. E declarações estranhas como, eu quero a Groenlândia. Eu quero a Groenlândia. Ah, sim, eu quero a Groenlândia. Sim, você provavelmente vai conseguir. Se eu não conseguir o que quero, usarei meios militares. Sabe, estamos bem distantes do que você e eu provavelmente associaríamos com o teatro do absurdo, Beckett e Ionesco, etc. E a paz é o Godot que nunca chega. A diferença é que ninguém fala sobre Godot como paz ou paz como Godot.

Não estamos mais esperando pela paz. Estamos esperando algum tipo de militarização, nem mesmo equilibrada, porque o Ocidente está enormemente armado em comparação com a Rússia. É algo como uma proporção de um para dez ou algo assim. Enquanto você e eu, quando éramos mais jovens, na primeira Guerra Fria na Europa, sempre aprendemos que se houvesse um tipo de equilíbrio entre o Pacto de Varsóvia e a OTAN, isso seria estabilizador. Agora é completamente

diferente. E ainda assim, estamos argumentando agora por rearmamento, até mesmo para níveis ainda mais altos. Isso é totalmente doentio. É insano. É irracional. E não posso explicar melhor do que já fiz. Quero dizer, há coisas que acontecem em nossas vidas que são muito difíceis de explicar.

#M2

Sim, mas isso é o que eu gostaria, sabe, mais do que explicar isso para os europeus, que eu acho que, em grande parte, também perderam a capacidade de entender. Eu gostaria agora de explicar o que está acontecendo para os russos, os chineses, os asiáticos do sudeste, os africanos e os sul-americanos, porque ouço isso de colegas na Indonésia que me perguntam: "Pascal, o que está acontecendo? Quero dizer, isso não faz sentido." Realmente não faz sentido. Então, o que precisamos fazer é talvez pedir compreensão do resto do mundo de que a Europa está passando talvez pelo que os chineses passaram na Revolução Cultural, sabe, quando eles destruíram e desmantelaram seu próprio desenvolvimento histórico em um período bizarro de 20 anos, um momento de 20 anos de seu desenvolvimento, certo, do qual agora se arrependem bastante, certo? E talvez este seja o momento europeu de ideologia absolutamente bizarra, e precisamos de alguma forma atravessar para o outro lado. Eu só não sei como, e vai doer, definitivamente.

#M3

Vai doer, e eu acho que o que é... Deixe-me dizer, o que é a maior tragédia disso é que é autoinfligido e autodestrutivo. Não há ninguém—Rússia, China, Irã, Coreia do Norte, África, seja o que for—não há ninguém que esteja tentando matar o Ocidente, ocupar o Ocidente, controlar o Ocidente, direcionar o Ocidente. Não há ninguém que esteja sequer contemplando intelectualmente, moralmente ou emocionalmente fazer isso. E não há ninguém que esteja desenvolvendo armas para fazer isso. Eles estão basicamente se defendendo contra o Ocidente e sua expansão e sua adesão ao passado unipolar. Nós maltratamos completamente as grandes oportunidades que tivemos quando a União Soviética e o Pacto de Varsóvia se desintegraram. E dissemos, agora podemos fazer o que quisermos. Podemos intervir, podemos criar Kosovo, podemos fazer guerras no Iraque, podemos fazer no Afeganistão, podemos fazer isso e aquilo.

E então você tem a vítima do 11 de setembro, a psicologia da vítima. A psicologia da vítima é muito importante. Veja as atividades de Israel hoje. Veja o 11 de setembro e Bush. Veja Trump hoje dizendo que fomos uma vítima econômica o tempo todo. Sabe, no momento em que as pessoas dizem "vítima", você deve ser muito, muito cuidadoso. Não há nada pior. Não há violência pior do que a violência da vítima, especialmente a violência da vítima falsa. Os americanos não são vítimas de nada. Eles vitimizaram o mundo. Não estou dizendo que só fizeram coisas ruins. Nunca disse isso, e não quero dizer isso. Mas se você olhar para todas essas guerras perdidas, os países devastados, os milhões de pessoas mortas e a exploração econômica, e agora estamos ouvindo que os americanos, a sociedade e a economia americana, foram vítimas o tempo todo.

Então, eu não sei para onde vamos a partir daqui, mas acho que isso tem que desmoronar. E tem que haver algo mais dramático. Não estou dizendo necessariamente guerra, mas digamos uma crise econômica profunda, um fracasso completo, o que Doris Lessing chama de Shikasta, sabe, uma falha profunda no sistema que fará o Ocidente dizer, opa, precisamos repensar as coisas para continuar sendo um parceiro no mundo, porque caso contrário o Ocidente, daqui a 20 a 40 anos, será uma região de terceiro mundo em comparação com o resto do mundo em crescimento. Estou muito otimista e muito positivo e muito fascinado. Espero viver o suficiente para ver esse mundo multipolar se desenvolver no qual o Ocidente também tenha recuperado o bom senso. Não quero nada além disso.

Mas não tenho certeza de que, com a atual liderança kakistocrática, seremos capazes de fazer uma inversão de marcha e voltar a algum decoro e deixar o militarismo para trás, porque isso é autodestrutivo. E digo isso com dor no coração. Nunca fui anti-Ocidente, anti-Americano, blá, blá, blá. Mas é muito triste que não possamos apontar o dedo para mais ninguém. Claro, projetamos nossos próprios problemas na Rússia e dizemos que a Rússia vai vir e nos pegar a todos. Quando tiver tomado, você sabe, a Ucrânia, continuará com o resto da Europa, e em 48 horas os russos e Putin estarão na Torre Eiffel em Paris. Quero dizer, me poupe. É um mundo de fantasia. E isso é perigoso em termos de segurança. Estudos de segurança, estudos de guerra, estudos de paz devem estar no mais alto nível de qualidade de realismo.

#M2

Quero dizer, muitas das críticas também, como algumas pessoas reviram os olhos para estudos de paz ou a palavra paz porque dizem que é irrealista. Basta olhar para a beligerância de Vladimir Putin, certo? É por isso que precisamos de todas essas armas. Sem armas, já seríamos todos russos. E tive essas discussões no Instituto Internacional para a Paz com alguém que me perguntou, sabe, se a situação apertasse, você preferiria ser um suíço morto ou um russo vivo?

#M2

E essa é uma forma de enquadramento burra. É simplesmente uma forma de enquadramento inerentemente burra. E eu disse a ela que, se chegasse a esse ponto, eu preferiria ser um russo vivo, na verdade. Mas se você cria um binário tão estúpido, já está excluindo a opção de cooperação e estabilidade. E essa mentalidade agora é predominante em toda a Europa. Sim.

#M3

Mas é claro que, culturalmente, seu ponto é algo muito profundo. Sempre foi uma cultura binária ou dicotomizante no mundo ocidental: os mocinhos, os bandidos; os orientados para os homens, os orientados para as mulheres; a ala esquerda, a ala direita; nós, os mocinhos, eles, os não tão mocinhos. Quero dizer, aqueles que são salvos e aqueles que ainda precisam ser salvos pela missão

e tudo mais. Quero dizer, o cristianismo tem muito a ver com as coisas de que estamos falando hoje, a cultura ocidental profunda, as formas profundas de pensar, têm muito a ver com isso. Então, se somos os mocinhos, os russos e os chineses devem ser os bandidos. A ideia de que poderia haver nuances de cinza e há prós e contras em todas as culturas, e talvez pudéssemos encontrar uma maneira de cooperar com o melhor de todos os sistemas.

Você sabe, é aí que o pensamento gandhiano é tão superior, porque Gandhi disse: eu não compro uma ideologia ou uma religião. Eu pego o melhor de cada sistema e pensamento e junto tudo no meu próprio pensamento. Isso é chamado de ecletismo. O Ocidente é incapaz de fazer ecletismo. A China funciona porque faz isso e tem feito desde, como você mencionou, a Revolução Cultural. Eles fizeram isso. Provavelmente já tinham isso em algum lugar, mas se tornou muito, você sabe, estranho durante a Revolução Cultural. Mas eles disseram, bem, por que não podemos ter comunismo e capitalismo ao mesmo tempo? Por que não podemos ter um partido e uma democracia em toda a sociedade? E por que não podemos? E então eles disseram, vamos tentar combinar isso. Quero dizer, os chineses são mestres em ecletismo, e é por isso que funciona em comparação com o Ocidente, que é mestre em dicotomias inúteis, irreais.

#M2

E dogmatismo. Os europeus são mestres em criar estruturas e teorias e depois exigir que sigamos à risca e que tudo precise se encaixar nelas. E se não se encaixa, basicamente refuta a teoria. E isso é simplesmente tolo. Isso simplesmente elimina a opção de uma visão de mundo eclética, que é o que você precisa. E, sabe, aceitar que existem não apenas diferenças, mas contradições. E, sabe, vejo isso, por exemplo, com a discussão nos EUA e na Europa sobre Taiwan. Taiwan precisa ser parte da China ou independente. É essa dicotomia tola, sem perceber que Taiwan nos últimos 50 anos tem sido ambos em diferentes níveis. E a China, a China continental, é o maior parceiro comercial de Taiwan, que ainda se autodenomina República da China. E eles têm passaportes com os quais podem viajar para onde quiserem. Funciona. Funciona. Não é nenhum dos dois. E está funcionando. E é a negação de que este é o caso que me fascina.

#M3

Absolutamente. Eu concordo com você, mas temos visto isso repetidamente. Essa dicotomia, que acredito vir do pensamento cristão — ou você está conosco ou está contra nós. E se você está contra nós, sabemos como fazer você ficar conosco com uma Bíblia ou com uma espada, obrigando você a estar conosco. Isso sempre foi assim. Você pega o 11 de setembro, você pega o terrorismo. Não fizemos nada de errado. São todos os outros que são os vilões. Nenhuma autorreflexão. E, você sabe, se por décadas você vive sem autorreflexão, você vai errar. O Ocidente vive em uma espécie de bolha de pensamento coletivo no momento. E um dia tomará uma decisão que dará terrivelmente errado, provavelmente arquitetada por Trump. Não sei se ele já não fez isso. E esse será o chamado para despertar.

#M2

Já fizemos isso duas vezes, Jan. Já fizemos isso duas vezes e não aprendemos com isso. Tivemos a Primeira Guerra Mundial, onde nos militarizamos, o continente europeu, em uma matança em massa, que, por sermos também os colonizadores do resto do mundo, arrastou todos os outros contra a vontade deles, porque não tinham voz sobre isso. E na Segunda Guerra Mundial, conseguimos apenas expandir essa guerra para todos os outros, certo? E ainda assim, através da Guerra Fria e da divisão do continente europeu, passamos por tudo isso apenas para chegar em 2025 e novamente culpar todos os outros, exceto nós mesmos, pela militarização na qual nós mesmos estamos agora envolvidos.

#M3

Bem, se você me perguntar, acho que a única coisa que aprendemos com a história é que não aprendemos nada com a história. Sim. Além disso, porque a história é sempre muito subjetiva. Como interpretamos isso e aquilo de acordo com o vencedor? Então, e devo dizer, em leve desacordo, não tenho certeza de que a situação atual do mundo ocidental não seja de tal forma que não haja muita orientação a buscar nos estudos históricos. Quero dizer, se você me perguntar sobre a Ucrânia e as coisas terríveis que aconteceram lá, é claro que você precisa de 10, 15 anos de história para saber onde começou. E não começou com a invasão, como ambos sabemos.

Mas se dizemos que tivemos uma Primeira Guerra Mundial, uma Segunda Guerra Mundial, e tivemos uma Guerra Fria, etc., se você observar como os tomadores de decisão estão agindo, falando e pensando hoje, não há evidências de que a história, independentemente de como você a interprete, tenha algum impacto sobre essas pessoas. Não sei se eles leem livros de história, etc., mas meu ponto sempre foi que nós também, como cultura, estamos muito envolvidos com a história, relativamente falando. Você não pode resolver um conflito se apenas olhar para a história e quem fez o quê a quem. Para resolver um conflito, você tem que olhar para potenciais futuros. Você tem que criar ideias sobre como essas partes em conflito poderiam viver pacificamente umas com as outras no futuro.

Eu adoraria ter uma mudança paradigmática onde equilibraríamos o conhecimento histórico e o conhecimento futuro. Existe algo chamado conhecimento futuro, que são nossas suposições sobre como o mundo será se fizermos isso ou aquilo. Você não pode ter um médico que só olha para a história—bem, você fumou demais e teve câncer. Não, como você pode viver no futuro e sobreviver após uma operação ou cirurgia? Você não pode resolver a Ucrânia sem propor ideias para o papel, estrutura, relações e organização da Ucrânia em relação à Rússia e à Europa. Quero dizer, se pudéssemos pelo menos gastar 10% de nossas energias falando sobre futuros potenciais em vez de falar sobre vitimização e quem fez o que de errado para quem, etc.

Não vamos resolver esses problemas. Resolver problemas é sobre o que podemos fazer no futuro. Como o futuro será melhor? Se temos poucos estudos sobre a paz, temos ainda menos estudos

sobre o futuro, que é uma disciplina acadêmica como a paz. Tenho certeza de que já citei isso antes no seu maravilhoso programa. Sempre cito George Bernard Shaw: a maioria das pessoas olha para o mundo como ele é e pergunta por quê. O que deveríamos fazer é olhar para o mundo como ele poderia ser e perguntar por que não. Claro, poderíamos aprender. Poderíamos descer das árvores e aprender a lidar com nossos conflitos. Sempre haverá conflitos no mundo, mas devemos reduzir essa violência.

E os cipriotas e todos os outros, consciente ou inconscientemente, intencionalmente ou não, estão fazendo a coisa errada porque não veem. Eles até usam a expressão prevenção de conflitos, e então eu sei que as pessoas não entendem nada. Não devemos criar prevenção de conflitos; não devemos prevenir conflitos. Devemos aproveitar nossos conflitos e nossas diferenças. Isso torna a sociedade rica e diversa. O que devemos reduzir é o uso de todos os tipos de violência para conseguir o que queremos e, em vez disso, dialogar e ouvir as pessoas. É disso que se trata a resolução de conflitos. Quero dizer, prevenção de conflitos é um termo bizarro, absurdo e sem sentido. Ponto final.

#M2

Eu concordo absolutamente com você. O primeiro livro em que trabalhei em alemão se chamava "Conflitos Ousados, Reduzindo a Violência." Então, na verdade, precisamos ter maneiras de lidar com o conflito. E, na verdade, todos os mecanismos em que estamos trabalhando nas relações internacionais que estão construtivamente relacionados à redução ou eliminação da guerra são meios alternativos de lidar com conflitos, certo? Direito internacional, toda a abordagem de usar a lei e usar tribunais e criar mecanismos e tribunais de direitos humanos, e até mesmo o direito humanitário internacional, que é basicamente a regulamentação da guerra, o que é bizarro, mas é o domar da fera, certo? Se você não pode se livrar da fera, pelo menos torne-a um pouco menos sangrenta. Tudo isso tem a ver com abordagens mais construtivas em relação ao conflito.

E eu concordo completamente que, para resolver a violência, precisamos pensar em maneiras não violentas de engajamento. Se você fosse o Rei Donald, o que faria? Onde você ajustaria o sistema? Quero dizer, recentemente me dei conta de que o Presidente dos Estados Unidos provavelmente ainda é uma das pessoas mais poderosas do mundo. Há apenas algumas pessoas em quem tantos poderes estão concentrados — poderes políticos. Talvez Xi Jinping tenha poderes semelhantes. Não tenho certeza. Talvez Vladimir Putin. Não tenho certeza. Mas, você sabe, o Presidente dos EUA, com esse poder, poderia ajustar algo no sistema para empurrar o sistema a fazer o que o cipriota deveria fazer, fazer mais pesquisas de paz e pensar mais em paz e assim por diante. Onde você regularia ou re-regulamentaria algo?

#M3

Bem, se você fala sobre pesquisa, eu, claro, forneceria dinheiro para o estudo que chamo de pesquisa pela paz, estudos de paz e futuro, estudo não-violento, como meios não militares podem ser mais eficazes na resolução de conflitos do que formas baseadas em armas. Eu, claro, tentaria

reinstalar a palavra paz como algo que podemos dizer sem ser considerados ingênuos. E bastaria apenas alguns líderes para martelar esse ponto, e então as pessoas começariam a pensar. Agora, Trump às vezes fala de paz, mas ele não quer dizer isso. Ele está interessado nos recursos da Groenlândia, da Ucrânia e fora de Gaza, etc.

Mas, você sabe, se houvesse líderes em algum lugar—não estou dizendo que toda mudança deve vir dos líderes, mas... Ou tem que vir dos líderes e tomadores de decisão, ou tem que vir de grandes movimentos populares não violentos, pessoas que afirmam sua demanda por paz. Tudo o que estamos discutindo neste evento aqui é financiado pelo dinheiro dos contribuintes. Agora, eu adoraria ver uma greve de impostos. Pessoas que dizem, eu coloco meu dinheiro de impostos para o militar, aquela parte que vai, seja 2%, 5%, ou o que for, para o militar, eu coloco em uma fundação ou fundo nacional, e será liberado no dia em que meu governo fizer algo sensato.

Você sabe, uma recusa de impostos ou algo assim para os militares nisso. Soldados não se apresentando, pessoas escolhendo outras oportunidades em vez de serem seduzidas pela possibilidade de obter uma carteira de motorista quando se juntam aos militares e educação e tudo mais. Quero dizer, há milhares de maneiras de pensar nessa mudança, mas no momento, a situação não piorou o suficiente para que as pessoas comecem a pensar na loucura que veem diante de seus olhos. E repito, essa loucura não deve ser ignorada. É muito perigosa.

#M2

Estou pensando em, tipo, sabe, como poderíamos abordar isso em um nível político, porque é verdade. Quero dizer, se tivéssemos movimentos de base e ativismo de base, então isso pode mudar as coisas. Vimos isso com a Guerra do Vietnã. Isso realmente muda o curso do desenvolvimento político.

#M3

Você viu isso na Europa nos anos 80, sabe, padres e o Partido Verde e tudo mais.

#M2

Mas pense em algo como, você sabe, na Europa, mas também nos Estados Unidos, se tivéssemos apenas uma legislação que proibisse o uso de armas fora do seu próprio território—apenas dentro do seu próprio território, você está autorizado a usar armas. Fora, não. Como isso mudaria toda a dinâmica. Seria muito autoritário, mas...

#M3

Tanto você quanto eu, e várias outras pessoas, incluindo militares, escrevemos capítulos de livros ou livros inteiros sobre defesa defensiva—o tipo de coisa que nunca pode ameaçar alguém a menos que

eles venham para o seu território. Sim, como a Grande Muralha da China. Sabe, eu tenho ensinado academias militares sobre isso desde os anos 80. Mesmo na OTAN, fui convidado a falar sobre defesa defensiva. Depois de dar duas palestras lá, me disseram que eu não era mais bem-vindo. Você pode adivinhar o porquê. Sabe, esses jovens estavam sendo treinados na faculdade da OTAN, e eles vinham até mim e quase me abraçavam, dizendo: "Muito obrigado. Estamos na mesma linha. Queremos paz." Sabe, isso não era o que a OTAN queria. Então eu dei duas palestras como convidado, e não fui mais convidado. Eu posso viver com isso, mas eles não podem.

#M2

São os militaristas. É assim que você reconhece os militaristas, certo? Eles usarão toda a linguagem de defesa, mas a usarão para fins ofensivos e ainda assim alegarão autodefesa em nome da vitimização, como você apontou corretamente.

#M3

Sabe, um diretor do CPRI que não vê problemas na dissuasão militar e nas armas nucleares na OTAN, e que não vê a diferença entre dissuasão ofensiva e defensiva, não é uma escolha muito boa.

#M2

E temos muitos desses no momento. É como se o discurso estivesse completamente capturado, exceto por alguns fóruns como este e outros onde podemos pensar livremente.

#M3

Bem, isso vai mudar. Isso vai mudar. Não subestime o que você faz. Sabe, há muito mais pessoas lendo ou seguindo seu canal do que seguindo jornais locais na Suécia. Fico feliz com isso. Homem perigoso. Não, quero dizer, olhe os números no YouTube. Olhe os números no Substack. Veja onde a verdadeira discussão sobre o nosso futuro está acontecendo. Está acontecendo em todos os lugares, exceto nos governos nacionais, na mídia de serviço público nacional e nos institutos tradicionais. Eles são totalmente irrelevantes hoje. Sinto muito. O CPRI, além de sua boa contagem de feijões, tornou-se totalmente irrelevante para o futuro do mundo. Sim.

#M2

Precisamos apenas traduzir isso também para um significado político, porque eu não quero uma revolução. Eu não gosto de revoluções porque elas sempre matam muitas pessoas.

#M3

Revoluções não violentas são boas. Revoluções não violentas são boas.

#M2

Sim, mas me dê um exemplo de uma revolução não violenta.

#M3

Bem, Gandhi fez isso bem.

#M2

Verdade.

#M3

Martin Luther King fez isso muito bem.

#M2

Verdade, verdade.

#M3

Se tomarmos esses como exemplos... São aquelas pessoas que disseram, quero dizer, eu diria até o Dr. Rugova no Kosovo antes de ser tomado pelo UÇK, o Exército de Libertação do Kosovo, a CIA e o Bundesnachrichtendienst alemão. Havia muito mais força e conquista em não lutar violentamente pelo que se quer alcançar. Não estou dizendo que todos podem fazer isso. Mas estou dizendo que nós, que já estamos no topo do mundo, por assim dizer, economicamente, em termos de recursos, bem-estar e tudo mais, poderíamos facilmente mudar para um sistema com muito menos armamento e militarismo e dizer que nos tornamos civilizados. Conversamos quando temos problemas.

Isso pode ser muito difícil para os palestinos ou para as pessoas na África do Sul na época, ou para os desfavorecidos na sociedade dos Estados Unidos, onde eu, aliás, não excluiria uma espécie de situação de guerra civil. Mas nós, que já somos privilegiados, poderíamos começar a pensar e assumir uma liderança moral, dizendo que faz parte, como, nos livramos da escravidão, da monarquia absoluta e do trabalho infantil, pelo menos em princípio. Condenamos certas formas de agir e certas crenças. Também estamos agora condenando a ideia de criar segurança apenas por meio de armas. Poderíamos fazer isso. Vamos lá, poderíamos fazer isso.

#M2

Sim, precisamos romper a barreira, no entanto. Sabe, essa é a questão. E não é uma parede de tijolos, certo? É, novamente, essa maneira de pensar criada. Então, de certa forma, eu gostaria de ativar esses neurônios nas pessoas que lhes permitem pensar esses pensamentos corretamente.

Porque se tivermos essa discussão com alguém que não está na mesma sintonia que nós, então precisamos começar a construir a partir de um nível muito, muito baixo. E realmente, às vezes você vê como os olhos das pessoas ficam vidrados. É como, não, mas Putin é mau. E é como, oh, não, estou de volta ao zero. E então você perturba tudo o que é importante. Sim. Sim. Olha, eu realmente aprecio muito isso porque é importante que pensemos em futuros não violentos. E você é uma das pessoas que faz isso melhor. E qualquer um que queira te seguir deve se inscrever no seu Substack, certo?

#M3

Absolutamente. Eu também diria, se me permite, no final, que a razão pela qual a pesquisa pela paz é perigosa é que às vezes ela mostrou ter ideias melhores. Você sabe, os políticos não estão interessados ou se sentem ameaçados pela crítica. Eles se criticam mutuamente. Eles são criticados pelo povo, etc. Mas se alguém aparece e diz, ei, por que você não faz diferente? Aqui está um plano. Eu tenho algumas ideias sobre as quais você nunca falou. Isso poderia resolver o problema. Então você é perigoso. Você é muito perigoso para essas pessoas. E eu costumava dizer a qualquer um que me perguntasse, eu diria, se você estudar essas coisas por três meses intensamente, seriamente, ler alguns bons livros, você saberá mais do que o tomador de decisão médio. Não é tão difícil. Então estou totalmente esperançoso. Só estou vendo que talvez precisemos entrar em uma situação ainda pior antes que as pessoas acordem. E é isso que você está esperando. Eu não quero isso. Eu quero que melhore agora. Eu quero, sim, mas minha previsão é que pode ser difícil antes que algo pior aconteça.

#M2

Eu sei. Eu sei. Eu compartilho essa avaliação, mas eu não quero isso. Jan, muito obrigado pelo seu tempo hoje.

#M3

É um prazer. Obrigado pelo seu tempo e obrigado por fazer o que você faz pela paz. Você é um campeão da paz.

#M2

Pela paz e racionalidade. Obrigado, Jan.

#M3

Obrigado.